

CLARICE LISPECTOR
E A GALINHA:
UM OLHAR SOBRE
O HUMANO



V SICCAL

[GT3 - FEMINISMO E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS]

Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos

Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Com a frase, Simone de Beauvoir apresenta o lugar delas como determinação social. No trabalho, pretende-se demonstrar como essa ideia é apresentada na literatura brasileira. A partir da análise dos contos “Uma Galinha” e “O ovo e a Galinha”, de Clarice Lispector, traçamos um caminho de compreensão desse lugar e, por meio de uma abordagem simbólica da Psicologia Analítica, ampliamos a significação das imagens do ovo e da galinha. Quando olhamos para a galinha como um ser que só se faz existente por meio do que existe antes e depois dela mesma (o ovo), passamos de uma imagem exclusivamente da vida da mulher para uma da vida humana. O que sobra como explicação para a diferença no modo de olhar para as funções femininas e masculinas é a construção social alicerçada por ideais patriarcais.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Psicologia analítica. Mulher. Representação social. Feminismo.

“One is not born, but rather becomes, a woman”. With the sentence, Simone de Beauvoir presents their place as social determination. In the work, we intend to demonstrate how this idea is presented in Brazilian literature. From the analysis of the short stories “Uma Galinha” and “O ovo e a Galinha”, by Clarice Lispector, we traced a path of understanding this place and, through a symbolic approach of Analytical Psychology, we expanded the meaning of the images of the egg and of the chicken. When we look at the chicken as a being that only exists through what exists before and after itself (the egg), we move from an image exclusively of the woman’s life to one of human life. What remains as an explanation for the difference in the way of looking at female and male functions is the social construction based on patriarchal ideals.

Keywords: Clarice Lispector. Analytical psychology. Woman. Social representation. Feminism.

“No se nace mujer, se llega a serlo”. Con la frase, Simone de Beauvoir presenta su lugar como determinación social. En el trabajo, pretendemos demostrar cómo se presenta esta idea en la literatura brasileña. A partir del análisis de los cuentos “Uma Galinha” y “O ovo e a Galinha”, de Clarice Lispector, trazamos un camino de comprensión de este lugar y, a través de un enfoque simbólico de la Psicología Analítica, ampliamos el significado de las imágenes de la huevo y de pollo. Cuando miramos a la gallina como un ser que solo existe a través de lo que existe antes y después de sí mismo (el huevo), pasamos de una imagen exclusivamente de la vida de la mujer a una de la vida humana. Lo que queda como explicación de la diferencia en la forma de ver las funciones femeninas y masculinas es la construcción social basada en ideales patriarcales.

Palabras clave: Clarice Lispector. Psicología analítica. Mujer. Representación social. Feminismo.

Introdução

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Silesius, no século XVII, respondeu que o ovo está na galinha e ela, no ovo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2020). Há também quem diga que esta é uma pergunta sem resposta. Alguns arriscam um palpite, mas logo a explicação se torna tão dramática que o melhor é mesmo se contentar com a indefinição da origem da vida. Clarice Lispector (2016, p. 306), em seu conto **O ovo e a galinha**, dá seu veredito: “foi o ovo que achou a galinha. A galinha não foi sequer chamada. A galinha é diretamente uma escolhida”.

A galinha desempenha a função de psicopompo em cerimônias iniciáticas de mulheres xamãs da bacia congolosa e, na África Subsaariana, o sacrifício da ave está relacionado com a comunicação com os mortos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2020). Podemos compreender isso como sendo o movimento entre dois espectros – o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. De fato, o termo psicopompo vem de **psyche** (alma) e **pompós** (guia), o que significa que ele tem o papel de guiar as almas, guiar as pessoas, em sua trajetória individual. Figuras conhecida como tal são Ariadne e Hermes.

O ovo, por sua vez, é considerado, em muitas culturas, aquele que contém o germe de tudo que se manifestará, a origem do mundo. Esse germe do mundo faz do ovo uma “realidade primordial” de onde provém a multiplicidade dos seres” (CHEVALIER

& GHEERBRANT, 2020, p. 747), que se manifesta por meio das polaridades (yin e yang, céu e terra, ouro e prata, feminino e masculino), como duas metades de um todo, de uma unidade. Pode-se pensar no ovo, então, como uma totalidade. No entanto, ele não é a totalidade caótica anterior ao início de tudo, mas um “princípio de organização” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2020, p. 749) que se relaciona tanto com as primeiras diferenciações quanto com a ideia de renovação e, como num ciclo que se encerra em si mesmo, ele é renascimento e repetição.

No conto “O ovo e a galinha”, ovo é “a alma da galinha” (LISPECTOR, 2016a, p. 304) e esta é, tão somente, um modo para que o ovo se disfarce no mundo, para que individualmente o ovo exista no mundo. O ovo, portanto, não existe no mundo enquanto ovo e ninguém é capaz de vê-lo. Ainda assim, o ovo é atemporal, atravessa as eras e está sempre a frente de sua época. a ele se dedica o começo, a primeira vez. Ele é passado, presente e futuro, portanto. Mas ele não existe no mundo. O que existe no mundo para que o ovo exista através dos tempos é a galinha (LISPECTOR, 2016a).

Com as definições acima, temos como objetivo, dissertar sobre os simbolismos do ovo e da galinha em dois contos de Clarice Lispector: “Uma galinha” e “O ovo e a galinha”. Entendemos que, por vezes, tais textos são tratados como representações do feminino e, sobretudo, da experiência de ser mulher em nossa sociedade. No entanto, embora essa seja uma leitura possível, não é a única. Baseando a análise das obras nos conceitos de símbolo e arquétipo, da Psicologia Analítica, o objetivo foi ampliar a compreensão acerca das representações

nos contos aqui tratados, de modo a, pareados homem e mulher, trazer à luz as diferenças impostas socialmente que acabam por encarcerar a mulher em pressupostos misóginos.

“Uma Galinha”

O conto “Uma galinha” foi publicado pela primeira vez no livro *Laços de Família*, em 1960, e narra um dia na vida de uma família composta por pai, mãe e filha, que, para um almoço de fim de semana, escolhe uma de suas galinhas. A galinha, contrariando o que seria dela esperado, foge da cozinha, tenta alçar voos e corre por telhados vizinhos para evitar a própria morte. O pai, por sua vez, corre atrás do animal telhado acima de modo a recuperar a carne da refeição familiar, o que resulta em uma perseguição emocionante até que a galinha, depois de muito correr, cansada, é capturada.

De volta à casa da família e deixada a um canto da cozinha, resignada com seu destino, a galinha bota um ovo. O ato, testemunhado pela menina, gera grande comoção de pai e filha, que se recusam a se alimentar do animal. A galinha, portanto, passa a ser como um animal de estimação, alcançando, talvez, o status de rainha da casa, uma vez que se mostrou geradora de ovos e preocupada com o bem-estar de todos. À mãe, coube resignar-se e aceitar ter a ave como moradora do lar.

No fim, não há o que ser feito. Com a passagem do tempo – e como se a experiência de fuga e aproximação entre humanos e galinha nunca tivesse acontecido –, a galinha é mandada para

a panela, cozida, comida e esquecida como qualquer outra galinha seria.

“O Ovo e a Galinha”

Com primeira publicação no livro *A Legião Estrangeira*, de 1964, o conto “O ovo e a galinha” é dos mais filosóficos escritos por Clarice Lispector. Pela manhã, diante da mesa da cozinha e prestes a preparar o que será o café da manhã, o narrador ou narradora – não fica explícito – se põe a refletir sobre a natureza do ovo que se encontra sobre a mesa. Ao mesmo tempo que reflete sobre o ovo, seus pensamentos recaem sobre a galinha, que, de um modo ou de outro, se relaciona diretamente com o primeiro.

Num caminho filosófico que pode ser compreendido por diversas perspectivas, o que é apresentado àquele que lê o texto são elucubrações acerca da existência. Tais reflexões representam um aprofundamento intenso no metaforizar e no pensamento sobre o ser humano enquanto indivíduo, enquanto espécie ao mesmo tempo que se pautam em uma ocorrência corriqueira da vida – se prostrar diante da mesa da cozinha para preparar uma refeição.

A Galinha: O Feminino em Clarice

Clarice Lispector, recorrentemente, se utiliza de recursos que humanizam os animais – e, mais, animalizam os humanos. No romance “A paixão segundo G.H.”, por exemplo, a barata ganha rosto e cílios e a narradora-personagem adquire pernas de barata. Nos contos tratados no presente trabalho, não é diferente. Em “Uma galinha”, temos o animal sendo descrito como “estúpida, tímida e livre” (LISPECTOR, 2016b, p.

157); em “O ovo e a galinha”, ela “tem o ar constrangido” (LISPECTOR, 2016a, p. 306).

Seria a galinha estúpida porque, desprovida de inteligência, desconhece a inutilidade de sua fuga e, por consequência, a inutilidade de tentar ser e fazer o que deseja e não aquilo para o qual sua natureza a fez? Tímida porque insegura, porque fraca em sua existência de galinha, tão diversa da do galo que “crê em sua crista” (LISPECTOR, 2016b, p. 157)? E constrangida, subjugada, comprimida a ser algo que lhe é imposto e contra o qual não pode lutar? Mas livre. Livre, ainda que momentaneamente, em sua tentativa de fugir do canto da cozinha, de seu destino de, simplesmente, alimentar o outro com sua própria destruição.

Já nesse aspecto, a condição da galinha se assemelha à condição da mulher. É o que nos mostra Carla B. Pinsky (2018), ao tratar do que se esperava da mulher dos anos dourados – época em que Clarice escreve seus contos. Existia um ideal de feminilidade do qual dependia a boa imagem das mulheres. A elas cabia o desejo pelo casamento e por ter filhos, a pureza, a resignação e a submissão ao homem – o pai, enquanto solteira e o marido, depois do matrimônio. Essa era uma visão que, embora dependente de uma construção social, foi tomada como da natureza feminina, sem a qual mulher alguma poderia ser feliz.

Após ser levada de volta à cozinha, onde se tornaria refeição da família, a galinha bota um ovo – situação testemunhada pela menina da casa, que se manifesta: “não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!” (LISPECTOR, 2016b, p. 157). O pai também se manifesta em defesa

do animal. A mãe, “cansada”, dá de ombros. Nesse ponto, temos mais uma aproximação entre galinha e mulher. A primeira, como a segunda, “nascida que fora para a maternidade” também estava “exausta” depois de dar ao mundo sua cria, o ovo.

A menina, por sua vez, é o próprio ovo, não da galinha, mas de sua mãe, a cozinheira. Ela representa seu próprio futuro e, ao saber que, ao dar o ovo, a galinha quer o bem da família, parece ter consciência do futuro que seu gênero lhe reserva. Assim como a mãe que tem sua existência pelos filhos que põe no mundo e as bocas que alimenta; assim como a galinha que se torna a rainha da casa pelos ovos que bota no mundo – os filhos e o alimento – também a menina é uma mulher sem existência. Mas não o é, também, porque é o novo, é o ovo, é uma nova vida que pode (pode?) exercer sua passagem pelo mundo de modo diferente.

Também em “O ovo e a galinha”, podemos delimitar um paralelo entre bicho e mulher. “A galinha tem muita vida interior. A galinha só tem mesmo é vida interior” (LISPECTOR, 2016a, 307). Quem, se não a mulher, está presa ao mundo interior? Quem, se não a mulher, é a responsável pelos cuidados com a casa, com os filhos e com o marido? “Para a galinha”, diz Clarice, mas também, podemos pensar, para a mulher, “não há jeito: está na sua condição não servir a si própria” (Lispector, 2016a, 307). Em meados do século XX no Brasil, as limitações impostas à mulher casada chegavam ao impedimento de manter amizades e sair na ausência do marido (PINSKY, 2018).

Parece, portanto, acertado dizer que os contos referidos apresentam uma

imagem do que era ser mulher na época de Clarice. Cabe a pergunta se hoje essa realidade mudou, mas cabe também não nos limitarmos a um único significado das obras. Por isso, faz-se necessário ampliar sua significação. Para tanto, primeiramente, apresentaremos algumas ideias da Psicologia Analítica, que permitirão a devida compreensão do que se propõe a seguir.

Alguns Conceitos da Psicologia Analítica

Carl Gustav Jung (1966/2013a) defende que a arte e o processo criativo consistem na transcrição da linguagem primordial para a linguagem consciente, que daria ao leitor a possibilidade de acessar conteúdos profundos de si e do mundo, por meio dos arquétipos. Esses seriam substratos primordiais, hereditários e universais com caráter mitológico que fazem parte do inconsciente coletivo, onde estão “todas as experiências humanas desde os seus mais remotos inícios [...] sistemas vivos de reação e aptidões que determinam a vida individual por caminhos invisíveis” (JUNG, 1960/2013b, par. 339). Enquanto fator psicoide, o arquétipo não pode ser conscientizado, passando para a consciência apenas enquanto representação, ou seja, enquanto imagem arquetípica que, em si, difere do arquétipo. O que se compreende por arquétipo, portanto, não é passível de ser externalizado (JUNG, 1960/2013b).

Ainda assim, é ele uma espécie de princípio formador da existência de cada ser humano. Ele representa conteúdos do inconsciente que, quando expressos na consciência, assumem um tom pessoal. Por isso, ainda que representem formas

inumeráveis de existir enquanto ser humano, quando vem ao mundo, um arquétipo varia de acordo com o conteúdo pessoal de quem o manifesta (JUNG, 1959/2014). Nesse sentido, por exemplo, a representação do arquétipo da mãe para uma pessoa pode ser de abandono e negligência, enquanto que para outra pessoa, esteja ligada a afeto e continência.

O conteúdo arquetípico, das experiências universais humanas, representado nas experiências individuais e com tonalidades pessoais, somente o faz por conta do símbolo, que é, como os primeiros, proveniente de “resíduos arcaicos” (JUNG, 1921/2013c, par. 451). Por meio da expressão simbólica, conteúdos ainda não tornados conhecidos podem se manifestar para que se tome contato com os mesmos. A linguagem simbólica é a expressão do símbolo que, por sua vez, se trata da experiência simultânea de forças opostas – consciência e inconsciente. As duas instâncias psíquicas devem trabalhar juntas para que aquilo que não se compreende totalmente (o símbolo, propriamente dito) possa ser conscientizado. Isso, no entanto, só se dá por força da intuição. Não é a razão que traz luz aos conteúdos simbólicos, portanto. Isso porque o símbolo aponta, direciona para algo, mas é por meio do “sentir pensando e pensar sentindo” que se dá a experiência simbólica. Experiência, sim, pois o símbolo não exige compreensão, uma função da racionalidade pura (JUNG, 1921/2013c).

É importante notar que é símbolo aquilo que não pode ser definido enquanto um só conceito. O símbolo existe, vivo, enquanto uma miríade de possíveis significados que representam, de certo modo, um desconhecido para o indivíduo ou mesmo

para toda uma época. Desse modo, é, mais uma vez, tão próximo do arquétipo por referir-se ao atemporal, ao não-cronológico. Por isso também, a arte é simbólica.

A Galinha e o Ovo como Símbolos

Nos voltamos a Clarice novamente. A escritora fala sobre o ovo: “É isento da compreensão que fere” e acrescenta que “sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando” e ainda “entendê-lo não é o modo de vê-lo” (LISPECTOR, 2016, p. 304). Não é, portanto, por meio da razão que se vê o ovo, que se vê o germe primordial, os conteúdos inconscientes. É, sim, conforme diz Clarice, por meio do “coração batendo de emoção” ou do “coração batendo de confiança” (LISPECTOR, 2016, pp. 312-313), que não permite o saber racional, que se sabe. Pelos opostos, se toma consciência.

Esse é o trabalho empreendido no caminho da individuação: aproximar os opostos, as duas metades do uno, da totalidade, rompendo com a lealdade às características pessoais, egóicas, e almejando uma trajetória em direção a uma realidade impessoal, alcançando, inclusive, a esfera arquetípica (STEIN, 2020). Para Jung (2015/1928, par. 266, grifo do autor), implicar-se no processo de individuação “significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos nosso próprio si-mesmo*”.

Este é um trabalho que se desenvolve em alguma medida independente do desejo consciente de cada um, como um imperativo inato, embora seja também um

opus contra naturam, ou seja, exige esforço uma vez que, nessa jornada, será necessário deparar-se com assuntos desagradáveis e dolorosos dos quais o desejo é livrar-se, relegando-os novamente aos recôncavos da inconsciência. Tal movimento, de recalcar aquilo a que se precisa entregar e conhecer, é, no entanto, inútil, uma vez que o que se faz necessário para a individualidade de cada um se impõe, queira a pessoa ou não (STEIN, 2020).

Se a individuação, o aproximar-se de quem se precisa ser, é um *opus contra naturam*, um trabalho contra a natureza, o que faz a galinha, ao lançar-se ao voo antinatural à sua espécie, ao opor-se a terminar a vida em uma panela, embora seja para isso, de certo modo, que é criada. Pode-se entender, portanto, que ela, enquanto símbolo da mulher ou do ser humano, empreende um processo de individuação.

Jung (1954/2013d, par. 98) diz que “toda obra humana é fruto da fantasia criativa. [...] O poder da imaginação liberta o homem da prisão da sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico” que, em último lugar o tira de um estado de inflexibilidade e o coloca no caminho de fluidez. Entrar em contato com a fantasia pode ocorrer por meio de sonhos e imaginação ativa, por exemplo. Esses recursos permitem acessar exatamente o conteúdo simbólico proveniente do inconsciente mais profundo.

Para isso é necessário estar aberto ao diálogo com as imagens interiores do inconsciente, já que, é por meio desse contato que se dá o processo de individuação propriamente dito, que pouco, ou em nada, difere da formação de símbolos (JUNG,

1954/2013d, KAST, 2014). Esse trabalho com os símbolos, como dito anteriormente, só é possível quando se tem em mente que para mantê-lo vivo é preciso permanecer circundando sua multiplicidade de significados. É o que Jung denominou *circum-ambulação*, trabalho com o qual a consciência circunda os conteúdos inconscientes, de modo a, gradativamente, entrar em contato e torná-los conscientes (JUNG, 1987).

A *circum-ambulação* parece ser exatamente o que propõe e faz Clarice em “O ovo e a galinha”. A escritora percorre linhas e mais linhas circulando em volta do que é o ovo – “o ovo é uma coisa suspensa”, “o ovo é uma exteriorização”, “o ovo é basicamente um jarro?”, “o ovo é branco” (LISPECTOR, 2016, p. 304-305). A narradora ou narrador (não se sabe) reflete sobre o que é o ovo enquanto o olha na mesa da cozinha pela manhã e, cada vez mais, se aproxima de uma constatação: o ovo é branco, mas não pode ser “o ovo branco”, assim como um rosto pode ser chamado de “um rosto bonito”, mas não pode ser “o rosto”. Quando isso ocorre, diz Clarice, a humanidade morre por ter esgotado o assunto. Para viver, portanto, é preciso não esgotar o assunto, é preciso manter o símbolo vivo, *circum-ambular* seus significados possíveis.

Ao deixar os significados em aberto, o que se faz é manter as possibilidades, manter a tensão dos opostos tão cara a Jung e tão cara a Clarice, e, também, não saber – é conviver com a dúvida. Mas essa é a humanidade, nos conta Clarice. Ao não saber, entregamos ao ovo, ao germe da vida, o poder que já é seu de concretizar aquilo que está no mais íntimo de nós. Isso pode parecer o contrário da individuação, que é trabalhar para ser quem se é, mas não se

trata disso. A autora afirma que “se eu fizer o sacrifício de viver apenas minha vida e de esquecê-lo [...] talvez uma vez mais ele se locomova do espaço até esta janela que desde sempre deixei aberta”.

A janela deixada aberta é o ponto fundamental aqui: não se trata de entregar ao destino o rumo da própria existência, mas aceitar que o destino de cada um ultrapassa o eu. O eu, embora parte fundamental de quem se é, não é o todo. O eu, inclusive, se muito rígido, atrapalha o desenvolvimento do todo que se realiza por meio do eu. O eu, como já se explicitou, é fundamental para a formação do símbolo e, assim, da vida em si mesma, mas, sozinho e inflexível, o eu, a galinha que é instrumento de realização do ovo, não deixa o mais íntimo e primordial ser exposto ao mundo. Vive-se, assim, incompletamente. Metades de um uno que não se procuram jamais.

É importante notar que Jung faz colocações datadas que desvalorizam a mulher em relação ao homem, como quando declara que o desenvolvimento intelectual delas “é acompanhado de uma emergência de traços masculinos em geral” (JUNG, 1959/2014, par. 171). No entanto, ao construir conceitualmente sua teoria, não faz distinção entre homens e mulheres ao tratar do processo de individuação. Esse é um caminho humano, sendo assim, de pessoas de ambos os gêneros – e outros gêneros, se considerarmos que, hoje, a não-binaridade é uma realidade que deve ser levada em conta.

É claro, existem distinções. Em uma sociedade em que o masculino e o patriarcalizado sempre foram privilegiados, buscar ser quem se é, quando se é uma mulher, é

tarefa mais penosa do que quando o mundo está aberto à sua individualidade, como ocorre com os homens. O que pretendemos demonstrar é que, uma vez que o caminho de desenvolvimento psíquico, do ponto de vista estritamente psicológico, não difere entre homens e mulheres, o que nos resta a considerar é que as diferenças no que se pode ser e fazer e, mais fundamental, no que se acredita poder ser e fazer, não dizem respeito a constituição psíquica ou biológica, mas a condicionantes sociais que inviabilizam o pleno desenvolvimento de parte dos seres humanos, restringindo seus lugares de pertencimento e ações. É desse assunto que trataremos a seguir.

Os determinantes sociais da condição da mulher

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1949/2019, p. 11).

Ao tratar do desenvolvimento da infância, Simone de Beauvoir (1949/2019) relata que crianças de ambos os gêneros apresentam características físicas e intelectuais similares até os 12 anos, mas que isso não se replica na forma como essas crianças se enxergam no que se refere à inserção como indivíduos no mundo. Meninas, antes de tal idade, já sabem que cabe a elas se interessarem pelos cuidados

com a aparência, a tendência à maternidade e a preocupação em não serem proativas em demasia, devendo comportar-se com certo ar de passividade. Isso se deve, diz a autora, à intervenção de outras pessoas, ou seja, ao ambiente e à cultura.

Tal cultura, claro, é a do patriarcado ou “sexismo institucionalizado sistêmico” (HOOKS, 2019). Nessa cultura, os mais beneficiados são os homens, tidos como superiores. Para manutenção dessa diferença, deve-se recorrer às diversas formas de violência contra as mulheres – agressão física, psicológica, silenciamento. No próprio campo da literatura, mulheres são menos publicadas que homens, assim como são a minoria das personagens principais em romances publicados por grandes editoras brasileiras – é o que revela uma pesquisa de Regina Dalcastagnè (MASSUELA, 2018).

Autoras da psicologia analítica também relatam as questões culturais como influenciando as posições femininas na sociedade. De modo geral, elas lidariam constantemente com uma “voz interna” dizendo que elas não são boas o suficiente. Tal voz, defende Irene Claremont de Castillejo (1973/2015), corresponderia à internalização das violências sofridas por elas, que viriam dos homens. Coletivamente inconscientes de seu receio de terem nas mulheres, enquanto suas iguais, uma concorrência, eles as agrediriam para que “se mantenham em seu devido lugar”. Se considerarmos que esse tipo de violência ocorre desde o início da vida de uma mulher, pode-se pensar que aquelas que chegam à vida adulta sofreram, constantemente, “conflitos, [...] abusos ou rejeições”, não tendo tido oportunidade de desenvolver confiança integral em seu “estado encarnado”, ou seja,

sua existência enquanto biologicamente mulher. Desenvolver-se nesse contexto pode levar a diversas dificuldades emocionais ao longo da vida: dificuldade em construir relacionamentos amorosos, em compreender o próprio gênero, os papéis de gênero que lhe dizem respeito individualmente e a sexualidade, por exemplo (SCHAVERIEN, 2019). Tais questões também explicariam comportamentos agressivos e de recusa à aproximação em relação aos homens, sobretudo se considerarmos os movimentos feministas.

Bell Hooks (2019) defende que a primazia do masculino e do homem sempre foi defendida pelo pensamento cristão que, ainda hoje, influencia nossa sociedade. Dessa perspectiva, muitos ainda entendem que deus ordenou a submissão feminina ao homem – esse ainda é o discurso de muitas igrejas e templos. Nessa lógica, sendo, ou não, o homem presente na vida de sua família, a dominação masculina permanece e as mulheres, muitas vezes, ainda estão relegadas à domesticidade – ainda que isso não se configure, necessariamente, na impossibilidade de trabalhar fora de casa, ter relações significativas com outras pessoas e tomar decisões por si mesma.

Muitas mulheres ainda são as grandes responsáveis pelos cuidados com a casa e com os filhos, ainda que trabalhem fora tantas horas quanto o parceiro. Durante a pandemia, números mostram isso mais nitidamente. 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém na pandemia – filhos, idosos, etc; 71% afirmam que essas pessoas precisam de monitoramento domiciliar; 41% das mulheres que continuaram trabalhando de forma remunerada relataram trabalhar mais durante a pandemia – seja por carga

de trabalho remunerado ou por precisarem realizar os afazeres domésticos (SOF, 2020). E essa é a realidade, em sua maioria, de mulheres brancas.

Segundo Lélia González (2020), a realidade de mulheres negras é imensamente mais devastadora: sua submissão não é só ao homem, mas, também, às mulheres brancas. Historicamente, para que mulheres brancas pudessem se inserir no mercado de trabalho, as negras ocuparam seu lugar em casa, cuidando da limpeza, cozinha e dos filhos. Nesse sentido, Lélia chega mesmo a dizer que a “mãe preta” era maior influência para as crianças do que aquela que as pariu. Embora seus textos e discursos datem dos anos 1970, hoje, a vida dessas mulheres não se alterou consideravelmente. É o que aponta Figueiredo (2020) ao dizer que hoje, as mulheres indígenas, mestiças e negras continuam sendo vistas e tratadas como subalternas.

Assim, falar de direitos iguais entre homens e mulheres não parece ser suficiente, uma vez que por “mulheres” entende-se, na maior parte do tempo, mulheres brancas. É preciso, portanto, pensar no feminismo decolonial, que promove a intersecção entre raça, gênero, posição socioeconômica, sexualidade – enfim, todas as esferas da vida individual e cultural que influenciam na colocação da mulher como indivíduo (FIGUEIREDO, 2020).

Conclusão

Parece que a escrita de Clarice Lispector caminha por diversas vias possíveis de interpretação: uma primeira, que

considera a questão feminina e, de uma perspectiva mais ampla, a questão social do Brasil; e uma segunda, que amplia sua compreensão e expressão para a vida humana como um todo. As duas não são excludentes e podem ser consideradas mutuamente.

De fato, embora a escritora seja, muitas vezes, vista como hermética e desapegada à realidade em seus escritos, essa perspectiva não se confirma. “Uma galinha”, “O ovo e a galinha”, mas não só – podemos considerar “Mineirinho”, “A hora da estrela” e tantos outros – nos colocam frente a frente com uma Clarice consciente de seu tempo e das questões que permeavam a vida em sociedade.

Por outro lado, sim, faz parte de seus escritos, tratar do imanente, da busca por um primordial, por uma origem da coisa em si. Essa busca se relaciona grandemente não com um ou outro indivíduo em suas particularidades, mas com a humanidade como um todo – mulheres e homens, pobres e ricos, negros e brancos; e toda a miríade de possibilidades existente entre uma e outra coisa. Dessa perspectiva, um campo de discussão se abre.

Se por um lado, a escritora aponta as questões sociais diretamente; por outro, também o faz, mas de modo indireto. Ao tratar de questões que concernem a todas as pessoas, nos coloca em necessidade de refletir porque, então, determinadas pessoas têm mais direitos, mais privilégios, mais oportunidades que outras? A partir desse questionamento, podemos e precisamos refletir sobre as constituições sociais e, mais uma vez, somos deslocados para uma perspectiva social.

Se somos iguais em possibilidades até que, conforme defende Simone de Beauvoir, o outro se impõe com seus limites à nossa existência individual, então são as constituições sociais que diferenciam homens e mulheres mais do que a biologia e a psicologia de cada um. Ao refletirmos sobre esse assunto, o que se tem é uma sociedade patriarcal, em que homens brancos ainda dominam as escolas, os lugares e os recursos. Mulheres, sobretudo negras e indígenas, são, ainda, colocadas em posição de subordinação.

Dois caminhos são necessários: uma conscientização masculina de seus privilégios e uma abertura para o outro – mulher, feminino – sem medo de perder seu lugar; e um feminismo decolonial, que inclui todas as perspectivas que diferenciam os seres humanos e determinam quem tem voz e quem não tem. Um movimento, conforme defende bell hooks, que inclua os homens, mas que não retire do centro aqueles de quem se fala, suas vozes e suas necessidades.

É importante frisar que a perspectiva proposta no presente trabalho privilegia as vivências e lutas de mulheres brancas e que a obra literária de uma escritora branca, por mais consciente quanto às diferenças que possa ser e demonstrar, não representa a realidade de outras pessoas que não fazem parte de seu grupo social. Nesse sentido, pensar as construções sociais, os espaços concedidos e as vivências permitidas a partir de obras de arte de autoria negra, indígena, LGBTQIA+ e qualquer outro grupo que represente uma minoria social – seja na literatura, nas artes plásticas, performáticas, fotografia ou tantas outras expressões

– se mostra fundamental para romper barreiras impostas a todas, uma vez que, ainda que a luta precise ser conjunta, precisa também, dar ouvidos a todas as vozes, que tem algo a reivindicar. ■

**[ANTONIETA CAMPOS SERRA
TEIXEIRA DOS SANTOS]**

Mestranda em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP. Psicóloga e especialista em Psicologia Analítica pela PUCPR. Pesquisa sobre grupos de leitura com mulheres a partir da utilização de textos escritos por Clarice Lispector. E-mail: antonieta.campos@outlook.com

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**, vol. 2: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CASTILLEJO, Claire Clermont de. **Knowing Woman**: a feminine psychology. Boston e Londres: Shambhala, 2015. [1973].
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Flávia Rios e Márcia Lima (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Campos, 2019.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. XV. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1966).
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Original publicado em 1960).
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. VI. Petrópolis: Vozes, 2013c. (Original publicado em 1921).
- JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. XVI/1. Petrópolis: Vozes, 2013d. (Original publicado em 1954).
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2014. (Original publicado em 1959).
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. In: Obras Completas de C. G. Jung, v. VII/2. Petrópolis: Vozes, 2015. (Original publicado em 1928).

KAST, Verena. Complexes and imagination. **Journal of Analytical Psychology**, v. 59, n. 5, 2014, p. 680-694. DOI: <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12113>. Acesso em: 23 mai. 2021.

LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016a, pp. 303-313.

LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016b, pp. 156-158.

MASSUELO, Amanda. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. **Cult**. 5 fev. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 607-639.

SCHAVERIEN, Joy. Gênero e sexualidade: encontros imaginais e eróticos. In: STEIN, M. **Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SOF. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2020.